

Dolores Redondo

O Guardião Invisível



Para Eduardo, que me pediu que escrevesse este livro, e para Ricard Domingo, que o viu quando era invisível.

Para Rubén e Esther, por me fazerem chorar a rir.

Esquecer é um acto involuntário. Quanto mais
queres deixar algo para trás mais te persegue.

WILLIAM JONAS BARKLEY

Mas, querida menina, esta maçã não é como as
outras, porque esta maçã é mágica.

Branca de Neve de WALT DISNEY

Capítulo 1

Ainhoa Elizasu foi a segunda vítima do *Basajaun*, apesar de a imprensa ainda não lhe chamar assim. Foi pouco depois, quando exsudou que, à volta dos cadáveres, apareciam pêlos de animal, restos de pele e pegadas dificilmente humanas, interligados a uma espécie de ritual fúnebre de purificação. Uma força maligna, telúrica e antiga parecia marcar os corpos quase infantis das raparigas com roupa rasgada, pêlos púbicos rapados e mãos em postura virginal.

Quando a avisavam de madrugada para se deslocar ao local de um crime, a inspectora Amaia Salazar observava o mesmo ritual: desligava o despertador para não incomodar James de manhã, agarrava de qualquer maneira na roupa e no telefone e descia as escadas devagar para se enca-minhar para a cozinha. Vestia-se enquanto bebia café com leite e deixava um bilhete ao marido, antes de se meter no carro, conduzindo absorta e desorientada, apenas com aquele ruído branco que lhe enchia a mente quando acordava tão cedo, efeito do sono interrompido, e que a acompanhavam como restos de uma vigília não concluída apesar de conduzir mais de uma hora de Pamplona até ao local onde uma vítima esperava. Fez uma curva demasiado apertada e com o chiar dos pneus apercebeu-se de que estava distraída; obrigou-se a prestar atenção à estrada sinuosa que penetrava os cerrados bosques que rodeavam Elizondo. Cinco minutos depois, parou o carro junto a uma barreira e reconheceu o desportivo do doutor Jorge San Martín e o todo-o-terreno da juíza Estébanez. Saiu

do carro e encaminhou-se para a parte de trás, de onde tirou as botas de borracha, calçando-as apoiada no porta-bagagens enquanto o subinspector Jonan Etxaide e o inspector Montes se aproximavam.

– Não tem bom ar, chefe. É uma miúda. – Jonan consultou os apontamentos. – Doze ou treze anos. Os pais participaram que não regressou a casa às onze da noite.

– É cedo para comunicar um desaparecimento – opinou Amaia.

– Sim. Pelos vistos, ligou para o telemóvel do irmão mais velho por volta das oito e dez para lhe dizer que perdera o autocarro para Arizkun.

– E o irmão não disse nada até às onze?

– Já sabe como é: «Os *aitas* vão-me matar. Por favor, não lhes digas. Vou ver se o pai de uma amiga me leva.» Conclusão: ficou de boca fechada e jogou *PlayStation*. Às onze, quando percebeu que a irmã não chegava e que a mãe ficava histérica, contou-lhes que Ainhoa ligara. Os pais foram à esquadra de Elizondo e insistiram que acontecera algo à filha. Não atendia o telemóvel e já tinham falado com as amigas. Foi encontrada por uma patrulha. Quando chegaram à curva, os agentes viram os sapatos na beira da estrada – informou Jonan, apontando com a lanterna um ponto na beira do alcatrão, onde uns sapatos de verniz pretos e salto médio alinhados reflectiam a luz. Amaia inclinou-se para os observar.

– Parecem alinhados de propósito. Alguém lhes mexeu? – perguntou.

Jonan consultou os apontamentos. Amaia pensou que a eficiência do jovem subinspector, que também era antropólogo e arqueólogo, era uma bênção em casos tão duros como aquele prometia ser.

– Não. Estavam assim. Alinhados e apontados para a estrada.

– Pede aos peritos das impressões digitais para fazerem uma recolha nos sapatos. Para os pôr assim é preciso enfiar os dedos lá dentro.

O inspector Montes, que estivera em silêncio a olhar as biqueiras dos *mocassins* italianos de marca, levantou a cabeça como se acordasse de um sono profundo.

– Salazar – murmurou como saudação. E começou a andar sem a esperar. Amaia reagiu com um gesto de perplexidade e voltou-se para Jonan.

– O que tem este?

– Não sei, chefe. Mas viemos no mesmo carro de Pamplona e não abriu a boca. Acho que bebeu.

Sim, ela suspeitava do mesmo. Desde o divórcio, o inspector Montes ia de mal a pior e não apenas na fixação por sapatos italianos e gravatas às cores. Nas semanas antes, mostrara-se distraído, perdido no seu mundo, frio e impenetrável a ponto de parecer autista.

– Onde está a miúda?

– Junto ao rio. É preciso descer a ladeira – disse Jonan, apontando o barranco com um gesto de desculpas como se fosse o responsável pela localização do corpo.

Enquanto descia a encosta escavada na rocha pelo rio milenar, viu os projectores e as fitas que delimitavam o perímetro de acção dos agentes. De um lado, a juíza Estébanez falava em voz baixa com o secretário judicial enquanto deitava olhares de esguelha ao lugar onde se encontrava o corpo. À volta, dois fotógrafos da polícia científica disparavam as máquinas de todos os ângulos. Junto ao cadáver, um dos peritos do Instituto Navarro de Medicina Legal, que, ajoelhado, media a temperatura do fígado.

Amaia verificou com prazer que as pessoas presentes respeitavam a área delimitada pelos primeiros agentes a chegar ao local para entrada e saída da zona restrita. Mas, como sempre, pareceu-lhe que havia demasiadas pessoas. Era um sentimento quase absurdo e que talvez tivesse origem na sua educação católica, mas, quando era preciso estar perante um cadáver, sentia uma necessidade de intimidade e recolhimento que os cemitérios lhe despertavam e que se sentia violada pela presença profissional, distante e abstraída dos que se moviam à volta daquele corpo, protagonista da obra de um assassino e que permanecia calado, silenciado e ignorado no seu terror.

Aproximou-se, observando o local que alguém escolhera para a morte. Junto ao rio, formara-se uma praia de pedras cinzentas e arredondadas, arrastadas pela enchente da Primavera. Era uma língua seca com uns nove metros de largura, estendendo-se até onde a vista alcançava à luz parca do amanhecer incipiente. A outra margem do rio, de uns quatro metros de largura, metia-se por um bosque profundo coberto por árvores que se tornava mais denso à medida que se penetrava nele. A inspectora esperou uns segundos enquanto o detective da polícia científica acabava de fotografar o cadáver. Quando acabou, aproximou-se, colocando-se aos pés da rapariga e, como era hábito, esvaziou a mente de pensamentos, olhou

para o corpo estendido junto ao rio e murmurou uma oração. Só então se sentiu preparada para a olhar como obra de um assassino.

Ainhoa Elizasu possuía em vida dois belos olhos castanhos que no momento fitavam o espaço, suspensos numa expressão surpresa. A cabeça, inclinada para trás, permitia ver um pedaço de cordel grosseiro que se fundira com a carne do pescoço até ficar quase imperceptível. Amaia inclinou-se sobre o corpo para o observar melhor.

– Nem está atado. Apertou até a miúda deixar de respirar – sussurrou, quase para si.

– Alguém forte. Um homem? – sugeriu Jonan, olhando por cima do seu ombro.

– É provável. Embora a rapariga não seja muito alta. Um metro e cinquenta e cinco mais ou menos. E é muito magra. Também pode ter sido uma mulher.

O doutor San Martín, que estivera a conversar com a juíza e com o secretário judicial, aproximou-se do cadáver após despedir-se da magistrada com um cerimonial digno de beija-mão.

– Inspectora Salazar, é sempre um prazer encontrá-la, mesmo nestas circunstâncias – saudou alegre.

– Igualmente, doutor San Martín. O que lhe parece isto?

O médico pegou nos apontamentos do perito e examinou-os enquanto se inclinava para o cadáver, não sem antes deitar a Jonan um olhar apreciador que avaliava a juventude e os conhecimentos. Um olhar que Amaia conhecia. Há alguns anos, fora ela a jovem subinspectora a ser instruída nos pormenores da morte, um prazer que San Martín, um distinto professor, não deixava escapar.

– Aproxime-se, Etxaide. Venha aqui e aprenda alguma coisa.

O médico calçou as luvas cirúrgicas que retirou da mala de couro *Gladstone*, tocando o maxilar, o pescoço e os braços da rapariga.

– Que sabe sobre o *rigor mortis*, Etxaide?

Jonan suspirou antes de falar num tom parecido ao que usaria nos dias de escola para responder à professora.

– O *rigor* instala-se por uma alteração química na musculatura, começa a tornar-se evidente nas pálpebras umas três horas depois da morte, estendendo-se à cara, pescoço até ao peito, acabando por afectar

o tronco e as extremidades. Em condições normais, a rigidez completa forma-se cerca de doze horas depois e desaparece, seguindo a ordem contrária, trinta e seis horas depois da morte.

– Nada mal. E que mais? – perguntou o médico.

– É um dos principais indícios que permitem calcular a hora da morte.

– Acha possível fazer uma estimativa apenas a partir do *rigor mortis*?

– Bom... – balbuciou Jonan.

– Não. Não é possível – declarou San Martín. – O grau de rigidez pode variar devido ao estado muscular do falecido, à temperatura da casa onde é encontrado ou à temperatura exterior, como neste caso. Temperaturas extremas poderão induzir que existe *rigor mortis* em cadáveres expostos a temperaturas elevadas ou que tenham sofrido espasmos cadavéricos. Sabe o que são?

– Acho que se dá esse nome se no momento em que a morte ocorreu os músculos das extremidades se tornam tão tensos que é difícil retirar-lhes qualquer objecto que tenham agarrado nesse instante.

– Muito bem. O que coloca uma enorme responsabilidade sobre o patologista forense. Não se deve estabelecer a hora da morte sem ter em consideração estes aspectos e também a hipóstase... A lividez *post mortem*, em terminologia leiga. Com certeza viu as séries americanas em que o patologista forense se ajoelha junto ao corpo e, em dois minutos, estabelece a hora da morte – concluiu, levantado teatralmente uma sobancelha. – Deixe-me adiantar-lhe que é mentira. A análise da quantidade de potássio no líquido ocular permitiu uma grande evolução, mas só é possível estabelecer a hora da morte com precisão após a autópsia. Por agora e com o que tenho, informo-a: treze anos, sexo feminino. Pela temperatura do fígado, diria que morreu há duas horas. Mas sem certezas – afirmou, voltando a palpar o maxilar da rapariga.

– Bate certo com o telefonema para casa e com a denúncia dos pais. Apenas duas horas.

Amaia esperou que se levantasse e substituiu-o, ajoelhada junto à rapariga. Notou o olhar aliviado de Jonan ao livrar-se do escrutínio do patologista. Os olhos fitando o infinito e a boca entreaberta numa expressão de surpresa ou que talvez fosse o esforço final para inspirar conferiam-lhe ao rosto um ar de assombro infantil, como o de uma rapariguinha no

dia de anos. A roupa rasgada com cortes limpos do pescoço às virilhas e estava afastada para os dois lados como o invólucro de um presente macabro. A brisa suave que soprava do rio deslocou a franja da rapariga e Amaia sentiu um odor de champô misturado com outro mais acre de tabaco. Perguntou-se se fumaria.

– Cheira a tabaco. Sabem se tinha mala?

– Tinha. Ainda não apareceu, mas tenho pessoas a revistar daqui até um quilómetro mais abaixo – informou o inspector Montes, apontando para o rio.

– Perguntem às amigas onde estiveram e com quem.

– Assim que amanheça, chefe – replicou Jonan, tocando no relógio.

– As amigas serão miúdas de treze anos. Devem estar a dormir.

Observou as mãos colocadas junto ao corpo. Estavam brancas, imaculadas e com as palmas para cima.

– Repararam na posição das mãos? Foram postas assim.

– Concorde – disse Montes, que estava de pé junto a Jonan.

– Fotografem-nas e preservem-nas rápido. Pode ser que tenha tentado defender-se. As unhas e as mãos parecem muito limpas, mas talvez tenhamos sorte – continuou, falando ao criminalista. O investigador inclinou-se sobre a rapariga, diante de Amaia.

– É preciso esperar pela autópsia, mas apontaria a asfixia como causa da morte. E, devido à força com que o cordel cortou a carne, acho que foi rápido. Os cortes no corpo são superficiais e só para cortar a roupa. Foram executados com um objecto muito afiado, uma lâmina, um x-acto ou um bisturi. Dir-lho-ei mais tarde, mas, quando os cortes foram feitos, já estava morta. Quase não há sangue.

– E a púbis? – questionou Montes.

– Penso que usou o mesmo objecto cortante para rapar os pêlos púbicos.

– Talvez para levar alguns como troféu, chefe? – sugeriu Jonan.

– Não acho. Repara na forma como foram colocados de cada lado do corpo – indicou Amaia, apontando vários montinhos de pêlo fino.

– O objectivo foi eliminá-lo para substituir por isto – rematou, apontando para um bolo dourado e gorduroso colocado sobre a púbis rapada da rapariga.

– Grande cabrão. Por que fazem estas coisas? Não lhe bastava matar uma miúda e ainda deixou isso. O que passará pela cabeça de alguém para fazer uma coisa destas? – interrogou Jonan com um gesto de repulsa.

– É esse o teu trabalho, rapaz. Adivinhar o que pensa este porco – fri-sou Montes, aproximando-se do doutor San Martín. – Violou-a?

– Acho que não, apesar de não ter a certeza até a examinar melhor. A encenação é de um marcado cariz sexual... Rasgar a roupa, deixar o peito exposto, rapar a púbis... E o bolo... Parece uma *mantecada* ou...

– É um *txantxigorri* – interrompeu Amaia. – Um bolo típico desta região. Embora seja mais pequeno do que o normal. Mas é sem dúvida um *txantxigorri*. Manteiga, farinha, ovos, açúcar, fermento e torresmos, misturados num bolo de receita antiga. Jonan, pede que o ponham num saco, por favor. Gostava que isto do bolo ficasse entre nós – pediu, dirigindo-se aos presentes. – Por enquanto, é informação confidencial.

Todos anuíram.

– Acabámos aqui. San Martín, é sua. Vemo-nos na Medicina Legal.

Amaia levantou-se e lançou um último olhar à rapariga antes de subir a ladeira até ao carro.